

Autonomia adolescente e atitudes dos pais

MANUELA FLEMING *

1. INTRODUÇÃO

Apesar da importância conferida à autonomia do adolescente pelas sociedades industrializadas ocidentais no decorrer deste século, apesar da autonomia permanecer ao longo do tempo, uma questão central para os investigadores interessados no estudo do desenvolvimento psicossocial do adolescente, apesar ainda da autonomia ser uma das questões consideradas como muito importantes pelo próprio adolescente no seu vivido existencial, a questão da autonomia não parece ter merecido investigação suficiente.

Com efeito, verificamos que nos últimos anos tem havido um interesse cada vez maior pelo estudo das questões relativas quer à autonomia quer à vinculação (attachment), áreas consideradas prioritárias e centrais para a compreensão da adolescência, quer na perspectiva individual quer interaccional (Hill & Holmbeck, 1986, Sabatelli & Mazor, 1985, Steinberg, 1987).

Duma forma mais directa ou indirecta, explícita ou implícita, a autonomia, porque ligada ao processo de individuação e de separação e à formação da identidade, encontra-se, pensamos, no âmago da reflexão sobre a adolescência.

Porém e curiosamente o corpus de investigação permanece largamente a-tórico e não-cumulativo (Hill & Holmbeck, 1986). Uma das razões apontadas prende-se com o problema da definição e operacionalização do conceito de autonomia.

Outra das razões prende-se com o facto de existirem diferentes conceptualizações teóricas dos mesmos aspectos, tornando difícil derivar hipóteses claras e consistentes, pelo que as conceptualizações predominantes não se têm mostrado muito produtivas e úteis (Hill & Holmbeck, 1986, Steinberg & Silverberg, 1986).

Estas, entre outras razões, levaram-nos a conceber um vasto estudo sobre a autonomia comportamental do adolescente, na perspectiva do desenvolvimento e contemplando simultaneamente várias vertentes do problema: as representações adolescentes da autonomia; os aspectos evolutivos e diferenciais: do desejo de autonomia, da capacidade de realização dos comportamentos de autonomia e da desobediência aos pais para os realizar; a idade de início dos comportamentos de autonomia; as dimensões da autonomia comportamental; e ainda a relação entre a capacidade de realizar a autonomia comportamental e as percepções das atitudes dos pais.

A nossa investigação, que decorreu de 1984 a 1988, conduziu a resultados muito significativos e consistentes permitindo uma visão global do evolutivo adolescente já que põe em evidência as diferenças entre sexos e entre idades e ainda permite

* Doutorada em Psicologia Médica, Professora Auxiliar no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto.

evidenciar as diferentes relações que se estabelecem entre a capacidade de realização da autonomia e as percepções das atitudes parentais.

Desse vasto conjunto de estudos (Fleming, 1988), seleccionámos, para apresentar neste artigo, o estudo das relações entre a capacidade de realização da autonomia comportamental e as percepções das atitudes parentais.

Começaremos por enquadrar a problemática por nós tratada no âmbito da investigação prévia, apresentaremos a investigação realizada, o método seguido e por fim as conclusões a que nos conduziu o nosso trabalho.

2. FACTORES FAMILIARES E AUTONOMIA: REVISÃO DA LITERATURA

Apesar da notável variabilidade intercultural do comportamento adolescente (Mead, 1970) e da larga disparidade que existe na conceptualização da adolescência, as várias abordagens convergem num ponto comum: a autonomia, ou noutros termos, a separação de pais e adolescentes, é a tarefa desenvolvimental mais importante da adolescência.

Porém, nenhum modelo explicativo sobre a relação entre a autonomia e os cuidados parentais se impôs de maneira determinante. Embora a maior parte da investigação empírica nessa área, realizada essencialmente nos E.U.A., tenha discutido os resultados encontrados à luz das teorias psicanalíticas, raramente derivou directamente as suas hipóteses a partir dessas mesmas teorias.

Os primeiros trabalhos datam dos anos 30 (Dimock, 1937, Sherman, 1946), mas o maior volume de investigações surgiria a partir dos anos 60, impulsionadas pelos trabalhos de observação directa de famílias, realizados por Baumrind.

De acordo com os resultados das diversas investigações de Baumrind (1966, 1967, 1968) constata-se que a maior ou menor autonomia no adolescente está associada a dimensões do comportamento parental. Dimensões essas que viriam a revelar-se, em investigações produzidas também por essa altura (Schaefer, 1965; Becker, 1964), serem dimensões relativamente independentes e reflectindo o essencial do comportamento parental: a dimensão do afecto — «amor vs. hostilidade» — e a dimensão das práticas educativas — «autonomia vs. controlo».

São também essas as dimensões das atitudes parentais que decidimos estudar no nosso trabalho já que são reconhecidamente as dimensões que melhor explicam a variabilidade dos comportamentos dos pais.

No essencial, Baumrind verifica que a autonomia na adolescência é fomentada por atitudes parentais que conjuguem em simultâneo a definição clara de limites e regras para o comportamento e uma relação calorosa e de aceitação.

Esta mesma conclusão vem a ser confirmada por outros trabalhos, utilizando metodologias e conceptualizações diferentes e trabalhando com outras variáveis do comportamento parental embora, de acordo com a opinião de Enright et al. (1980), ainda pouca investigação se tenha produzido sobre os efeitos dos cuidados parentais na autonomia adolescente. Iremos rever aqui alguns desses trabalhos.

As implicações das diferenças parentais no seu relacionamento com os filhos, durante a adolescência, foram profundamente estudadas por Elder (1963). A sua investigação forneceu uma descrição prototípica dos estilos parentais, ou níveis de poder e os seus efeitos concomitantes na autonomia adolescente.

O autor analisou a relação entre o grau de legitimação do poder parental, dado pela frequência das explicações das normas e três aspectos no adolescente: a autonomia (definida pela capacidade de tomar decisões e pelo sentimento de auto-confiança nos objectivos pessoais e nos padrões de comportamento), o desejo de se parecer aos pais e a obediência às regras parentais. Fez esta análise em três níveis de poder parental, caracterizado por três tipos de interacção entre pais e adolescentes: autocrático, democrático e permissivo.

Trabalhando com uma grande amostra de 7680 estudantes norte-americanos, representativa dum universo de 19.200 estudantes do 7.º ao 12.º ano de escolaridade, Elder concluiu que a autonomia é mais típica nos adolescentes cujos pais são simultaneamente permissivos ou democráticos e dão frequentemente explicações como forma de legitimação do seu poder. Os adolescentes que raramente recebem explicações encontram-se menos aptos a exhibir comportamentos autónomos. Entre os pais que explicam as suas decisões, os de estilo democrático são os que mais favorecem a autonomia dos filhos.

No mesmo sentido vão os resultados dum importante estudo, realizado nos E.U.A. e de âmbito nacional (considerado hoje referência fundamental nos estudos sobre a autonomia adolescente), levado a cabo por Douvan & Adelson (1966). Esta pesquisa foi realizada numa amostra estratificada de estudantes americanos, representativa da população estudantil geral e abarcou 3050 adolescentes, de idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos.

Os resultados indicam que um estilo democrático de controlo parental se associa a maior autonomia no adolescente; pelo contrário, pais autocráticos ou muito permissivos têm com grande frequência filhos com baixa auto-confiança e dependentes ou revoltados.

A autonomia está mais presente em adolescentes cujos pais permitem e encorajam os filhos a separarem-se gradualmente da família. Segundo os autores, os jovens mais autónomos representam os pais como preocupados e orientadores, — mas não como severos. Eles participam na definição das regras que os governam e são capazes de se ver, nas histórias projectivas, a discordar dos pais. Os dependentes e revoltados dizem que a coisa mais importante que os pais esperam é a obediência e raramente admitem discordar dos pais.

Os resultados de Douvan e Adelson vão também em apoio das teses defendidas por Elder (1963) quanto à importância da fundamentação do poder exercido pelos pais.

Com efeito, Douvan & Gold (1966) comentam que as diferenças entre os sistemas de controlo, autoritário ou democrático, podem ser concebidas enquanto diferenças na natureza dos sinais cognitivos fornecidos pelos pais aos filhos: os pais democráticos, mais do que os autoritários, apelam ao pensamento, à compreensão das regras e podem exercer um controlo mais consistente em caso de desvio às regras estabelecidas. Na verdade, a inconsistência das regras e dos modos de as controlar, encontram-se com mais frequência nas famílias de adolescentes não autónomos e imaturos (Bowerman & Elder 1962, Peck & Havighurst 1960, in Douvan & Gold, 1966).

Estas questões são tanto mais importantes quanto se sabe que os padrões parentais continuam a desempenhar um papel determinante na orientação do comportamento adolescente: no estudo que temos vindo a referir, as raparigas em geral e os rapazes de 16 anos, ainda indicam os padrões

parentais como os que mais pesam na tomada de decisão.

Nesta linha de investigação importa realçar o trabalho de Enright *et al.* (1980) que aprofundam a investigação conduzida por Elder (1963). Os autores criticam a ausência de perspectiva desenvolvimental em Elder, na medida em que não estuda os efeitos diferenciais ligados à fase de desenvolvimento do adolescente.

Enright *et al.* conduzem o seu estudo sobre a autonomia e sobre a identidade adolescente.

Os resultados encontrados pelos autores, se por um lado demonstram uma forte correlação entre os estilos parentais e o nível de identidade alcançados encontram uma correlação menos nítida entre a autonomia e os estilos parentais, quer no início quer na fase final da adolescência. No entanto Enright *et al.* concluem que a autonomia beneficia com um estilo parental permissivo e afirmam que os seus resultados apoiam a investigação prévia de Elder (1963).

O efeito principal ligado à variabilidade da autonomia proveio, neste estudo, da variável sexo, o que levou os autores a concluir que «a autonomia parece ser mais influenciada pela socialização dos papéis sexuais do que pelo nível de poder parental» (op. cit., p. 544).

Na mesma direcção vão os resultados dum estudo longitudinal realizado durante 40 anos por Allaman *et al.* (1972, in Sprinthall & Collins, 1984) que demonstram a correlação existente entre um estilo autoritário de parenting durante a infância e um comportamento não autónomo na adolescência e adultícia.

Os autores estudam num mesmo grupo de sujeitos — durante a primeira infância, aos 18 anos e aos 26 anos — a relação entre os padrões de cuidados parentais e a autonomia revelada na adolescência e na adultícia.

Concluem que os sujeitos cujos pais foram exigentes e simultaneamente rejeitantes, frios e repressivos eram, na adolescência e na idade de jovens adultos indivíduos não-autónomos e ansiosos procurando permanentemente a aprovação dos outros. Estes adolescentes vindos de famílias de tipo «autoritário» tinham tendência para pensar que tinham pouco ou nenhum controlo sobre aquilo que lhes acontecia.

Partindo dum quadro de referência teórico específico — as teorias de Bowlby — Murphey *et*

al. (1963) desenvolvem uma interessante pesquisa sobre a relação entre a capacidade de realizar comportamentos autónomos e a interacção familiar, em adolescentes tardios, em fase de ingresso na Universidade.

Segundo Murphey *et al.*, os pais de jovens com resultados mais elevados, tanto em autonomia como em proximidade afectiva aos pais, tinham como principais características: não eram completamente centrados no filho, mães com carreiras profissionais satisfatórias, pais e mães com grande clareza na área dos valores e modelos, dando muito valor à independência e à autonomia e comportando-se de forma congruente com estes valores. Há nestas famílias uma definição clara de fronteiras entre pais e filhos. Os pais/mães preocupam-se com que o filho internalize alguns dos seus valores mas deixam-no livre para pedir ajuda apenas quando julgar necessário. Nestas famílias, a diminuição do controlo parental é gradual. Os pais tendem a ter valores mais estáveis e consistentes e são capazes de os comunicar aos filhos. Na vida diária, demonstram congruência entre as suas crenças e acções tornando-se modelos para os filhos.

Inversamente, os pais do adolescente com baixa autonomia e proximidade, reflectiam dificuldades em comunicar e reconhecer as necessidades e interesses dos seus filhos.

Este trabalho permitiu ainda verificar que os adolescentes «autónomos-e-próximos» eram aqueles que melhor lidavam com os problemas postos pela separação física (saída de casa e ingresso no Colégio).

O estudo da relação entre o estilo de controlo parental e a autonomia, bem como o estudo da relação entre a autonomia subjectiva no adolescente e a qualidade do afecto percebido na interacção com os pais são questões centrais na investigação de larga escala, conduzida por Kandel & Lesser (1969, 1972).

Os resultados encontrados dão consistência à investigação prévia no que diz respeito à influência do estilo de controlo parental: os adolescentes dinamarqueses, provenientes de famílias predominantemente democráticas — em contraste com as famílias americanas que, comparativamente, os autores dizem ter um estilo mais autoritário — apresentam scores mais elevados de autonomia. Porém o tipo de afecto, a qualidade de aceitação entre pais e filhos aparece claramente neste estudo

como a variável crucial, comum aos dois tipos de estilos parentais.

Quer nas famílias dinamarquesas quer americanas, os autores concluem que o sentimento no adolescente de ter alcançado autonomia está associado com interacções positivas com os pais: (1) a percentagem de adolescentes que discute os seus problemas com os seus pais aumenta de 19% para 48% quando se passa dos 14 para os 19 anos; (2) os que referem sentimentos subjectivos de autonomia mais vezes também referem que se sentem mais próximos dos seus pais, que gostam de fazer coisas com eles, que consideram os seus conselhos e que querem ser como eles; (3) os que referem sentimentos subjectivos de autonomia vêem os seus pais como «fora de moda» menos frequentemente e referem também menos frequentemente não só terem conflitos na relação com os pais como também serem as relações mais difíceis agora do que na infância.

Os autores concluem que a autonomia subjectiva nos adolescentes se associa com relações próximas e calorosas com os pais, numa atmosfera de aceitação da influência parental.

A importância dos factores parentais, quer na dimensão do controlo quer na dimensão do afecto, para o desenvolvimento da autonomia durante a adolescência, parece não merecer contestação.

Martin (1975), em artigo de revisão, fazia a síntese das conclusões afirmando que «a evidência mais convincente nesta altura é a de que o comportamento independente está associado com um padrão de interacção pais-filho em que os pais solicitam um comportamento apropriado à idade, fazem cumprir as regras firme e consistentemente, encorajam, escutam e são ocasionalmente influenciados pela comunicação vinda dos filhos e fornecem uma quantidade generosa de afecto e aprovação» (*op. cit.*, p. 508).

O autor lamenta contudo que os trabalhos de investigação publicados até à altura não permitam ainda avaliar a contribuição relativa de cada uma destas características.

3. OBJECTO E FUNDAMENTAÇÃO DO ESTUDO

Da análise crítica que fazemos da investigação prévia ressaltam um conjunto de questões e de problemas em aberto que quanto a nós, merecem ser investigadas: (1) o conceito de autonomia nem

sempre se encontra suficientemente esclarecido, (2) na análise da relação entre autonomia e atitudes parentais, as variáveis sexo e idade não foram sempre controladas pelo que se desconhece o seu efeito, (3) a contribuição relativa de cada uma das dimensões das atitudes parentais para a variabilidade da autonomia não foi avaliada, desconhecendo-se portanto qual o poder preditivo de cada uma delas sobre a capacidade de realização de comportamentos de autonomia do adolescente.

A partir desta análise, concebemos um plano de investigação que respondesse às questões equacionadas e que contivesse novas hipóteses. Inspirámo-nos fundamentalmente nas teorias psicanalíticas sobre a adolescência e de entre estas, mais especificamente nas teorias etológico-analíticas de Bowlby.

Pensamos que o modelo etológico-evolucionista de Bowlby constitui um paradigma teórico fundamental para a compreensão em simultâneo da problemática da vinculação e da autonomia e como tal, ele é um suporte teórico básico para a nossa própria investigação.

De acordo com o modelo de Bowlby, na adolescência, o repertório de comportamentos exploratórios aumenta e diversifica-se enormemente mas num sistema de interacção com as figuras parentais: o adolescente mantém um comportamento de procura-de-proximidade com os pais, e espera receber deles um comportamento de cuidados. Desta interacção resulta uma maior capacidade de desenvolver comportamentos de exploração, os quais por sua vez accionam em «feed-back» o sistema interactivo pais/adolescentes. A experiência do meio ambiente e de laços vinculativos fortes aos pais contribuem para a elaboração do modelo interno do mundo. Nesta elaboração interna cabem as conceptualizações psicanalíticas sobre a adolescência, que não contradizem mas complementam o modelo de Bowlby.

Nesta perspectiva e de acordo com o paradigma etológico de Bowlby a(s) figura(s) de vinculação servem então de base segura a partir da qual se «parte» para uma exploração activa do meio ambiente, num balanceamento gradual maturativo entre proximidade e afastamento aos pais e da qualidade dos vínculos primitivos e actuais dependerá a maior ou menor capacidade de autonomização.

Através deste modelo é possível explicar não só a persistência dos laços familiares aos pais, mas

também e em simultâneo a sua transformação, presupondo concomitantes transformações e rearranjos quer dos objectos internos quer das relações que esses mesmos objectos internos tecem entre si. Neste contexto, a vinculação (se não for excessiva, como acentua Bowlby) é entendida como um laço afectivo persistente que promove os comportamentos de autonomia no adolescente e não como um laço que promove a dependência.

Bowlby (1973) sugere que a auto-confiança e consequentemente a autonomia, não é tanto «contar consigo próprio» como por vezes os estereótipos culturais sugerem ou certas conceptualizações da autonomia têm veiculado, mas contar com o apoio dos outros para a partir daí construir a sua própria autonomia. Na sua opinião, «uma auto-confiança bem fundada não só é compatível com a capacidade para contar com os outros mas cresce com ela e é complementar dela» (op. cit., p. 359).

Este modelo de compreensão da autonomia adolescente aproxima-se das mais recentes conceptualizações psicanalíticas que acentuam a importância das vivências emocionais com os pares e outros adultos significativos, continentes (no sentido de Bion) auxiliares do processo de separação/individuação, permitindo em simultâneo a manutenção de fortes laços vinculativos aos pais e a autonomia.

Assim, o adolescente confrontado com o desafio da mudança interna e externa, conta não só com o seu «mundo interno», povoado (ou não) de «bons objectos» propiciadores de confiança básica e de segurança, mas também com as relações actuais com os seus pais, pares, amigos e adultos significativos.

4. HIPÓTESES

A competência demonstrada pelo adolescente para levar a cabo o processo de autonomia está sob o efeito de numerosos factores. Na nossa previsão, o sexo do adolescente, a sua idade e as suas percepções das atitudes dos pais, estas últimas, reflectindo a qualidade de relações pais-adolescentes, contribuem para a variabilidade da autonomia comportamental. Assim sendo:

– Antecipamos que cada uma destas variáveis tem poder preditivo sobre a maior ou menor capacidade de realização da autonomia comportamental.

– Antecipamos que o tipo de relação existente entre a capacidade de realização de autonomia comportamental e as percepções das atitudes parentais será diferente consoante a fase desenvolvimental do adolescente, sendo sobretudo de prever alterações no eixo do afecto (Amor e Hostilidade).

– Antecipamos que a capacidade de realização da autonomia comportamental está relacionada com a qualidade e a intensidade das percepções adolescentes das atitudes parentais.

Mais especificamente, prevemos que:

a) A capacidade de realização de autonomia será tanto maior quanto maior for a percepção de Autonomia Parental e quanto menor for a percepção de Controlo, tanto na fase inicial como na fase terminal da adolescência.

b) A capacidade de realização de autonomia está associada de forma positiva à percepção de Amor Parental e de forma negativa à percepção de Hostilidade Parental. No entanto, prevemos que um score muito elevado na percepção de Amor poderá ter um efeito inibidor sob a autonomia comportamental, enquanto a percepção de Hostilidade andar sempre (seja qual for o valor da intensidade da percepção) associado a uma menor capacidade de levar a cabo a autonomia comportamental.

5. METODOLOGIA

5.1. *Estratégia da investigação*

Quatro tipos de estratégias podem ser seguidas na investigação sobre o desenvolvimento humano: as estratégias transversais, longitudinais, sequenciais e biográficas.

Optámos na nossa investigação por um estudo transversal, o mais frequentemente usado pelos investigadores neste tipo de trabalho.

A técnica de recolha dos dados seguida foi o questionário. A amostra será representativa dum grande universo populacional de adolescentes, relativamente aos quais os resultados serão válidos.

5.2. *A Amostra*

Partimos de uma amostra estabelecida a partir do universo total de estudantes do ensino oficial,

com mais de 12 anos de idade e frequentando as oito escolas do ciclo preparatório e secundário do concelho de Matosinhos (7264 sujeitos).

A amostra, representativa desse universo, é constituída por 994 sujeitos de idades compreendidas entre 12 e 19 anos, 51% são do sexo masculino e 49% do sexo feminino, e esta representação de rapazes e raparigas é sensivelmente a mesma em todas as idades consideradas.

A quase totalidade (98%) dos adolescentes residem com os seus pais naturais (ou com pelo menos um deles), os seus pais são na sua grande maioria (96%) casados ou vivendo juntos e em apenas 4% dos casos o adolescente perdeu um dos pais.

Trata-se de uma amostra representando um largo espectro sócio-económico, indo a ocupação dos Pais dum nível não-diferenciado até um nível altamente diferenciado, o mesmo se passando relativamente ao grau de instrução que abrange desde os níveis menos qualificados (analfabetismo) até aos níveis mais elevados (curso superior universitário).

5.3. *Instrumentos de Medida*

5.3.1. *A Medida da Autonomia Comportamental*

O instrumento de medida utilizado foi o QUESTIONÁRIO DE AUTONOMIA COMPORTAMENTAL de Manuela Fleming, construído e validado por nós próprios no decurso do trabalho.

A pesquisa bibliográfica por nós realizada revelou que as dificuldades metodológicas do estudo empírico da autonomia permanecem e que não existem instrumentos de medida bem estabelecidos.

A maior parte dos instrumentos, construídos pelos próprios autores e concebidos para os objectivos precisos da sua investigação, raramente foram retomados e submetidos a estudos de avaliação das suas capacidades psicométricas.

Constatámos também a inexistência de instrumentos especialmente concebidos para a medida da autonomia comportamental.

Neste contexto, optámos pela construção do nosso próprio instrumento de exploração e medida da autonomia comportamental.

O *Questionário de Autonomia Comportamental* (Q.A.C.) foi concebido para avaliar a incidência

das respostas dos adolescentes, num conjunto de comportamentos de autonomia, em várias dimensões da autonomia comportamental: o desejo de realizar, a capacidade de a realizar e a desobediência aos pais envolvida na realização dos comportamentos de autonomia. O adolescente, posto perante várias alternativas de resposta, escolhe a que melhor se lhe aplica.

Optámos, não por derivar os ítems a partir dos modelos teóricos prévios, mas partir das próprias representações adolescentes sobre a autonomia comportamental. Este procedimento foi aliás utilizado por Kurtines (1978), Moore & Hotch (1981) e recentemente utilizada também por Moore (1987).

Após a realização de uma Análise Factorial aos resultados foi possível chegar a uma medida de autonomia, que designámos por Capacidade de Realização da Autonomia (CRA), traduzida num *score*.

5.3.2. A Medida das Percepções das Atitudes Parentais

O instrumento de medida utilizada no nosso estudo para avaliar as percepções adolescentes das atitudes parentais foi o YOUTH PERCEPTION INVENTORY (YPI) de Fred Streit, uma versão revista do CHILDREN'S REPORT OF PARENT BEHAVIOR INVENTORY (CRPBI) de Earl S. Schaefer.

Dado não existir uma versão portuguesa do YPI (nem de qualquer outro instrumento de medida dos comportamentos parentais), validada para a nossa população, procedemos à sua validação através de um estudo de Análise Factorial. Esse estudo teve por objectivo reencontrar a estrutura factorial proposta por Schaefer (1965) e Streit (1978) e verificar a validade interna do instrumento (fiabilidade, homogeneidade dos ítems, etc.).

Após esse estudo, procedeu-se à transformação das respostas aos ítems das subescalas isoladas pela factorização, em *scores* de percepções para cada sujeito.

A versão encurtada do CRPBI — o YPI — foi utilizada no nosso trabalho porque este instrumento, pelas características que revelou possuir em numerosos trabalhos de investigação, pareceu-nos ser o mais apropriado para a verificação das nossas hipóteses. Tivemos também em conta o facto de que, a sua aplicação anterior, numa população de

adolescentes portugueses, conduziu a resultados consistentes (Alarcão, 1986).

O instrumento permitiu-nos medir as percepções adolescentes de quatro dimensões do comportamento dos pais: o AMOR, a HOSTILIDADE, a AUTONOMIA e o CONTROLO.

A dimensão de *amor vs. hostilidade*, também referida por Schaefer pela designação de aceitação vs. rejeição, reflecte percepções de pais afectuosos, que valorizam e dão um suporte emocional vs. percepções de pais negligentes, rejeitantes e abandonnicos. A dimensão da *autonomia vs. controlo* reflecte percepções de pais que permitem que o filho tenha um desenvolvimento diferenciado dos pais vs. percepções de pais usando de restrições e limites ao seu comportamento, que no seu extremo, impedirão um desenvolvimento autónomo do filho.

Embora Streit e Alarcão tenham aplicado o YPI com os ítems agrupados nas respectivas escalas, nós optámos, na nossa investigação, por uma aplicação do YPI com os ítems não agrupados, para evitar o efeito de halo, necessariamente enviesador das respostas e portanto dos resultados.

5.4. Procedimento

Aplicou-se um Questionário anónimo, auto-preenchido, em setting escolar. O Questionário é constituído pelos Instrumentos de Medida e por uma parte destinada a recolher dados sobre o sujeito e sobre a sua família (E.S.E., grau de instrução, etc.).

6. RESULTADOS

Este estudo, cujo procedimento de análise estatística e resultados passamos a apresentar, visou como dissemos, verificar a contribuição de um conjunto de variáveis — as PAP (Percepções das Atitudes Parentais), a idade e o sexo — para a variabilidade da autonomia comportamental, bem como elucidar a relação existente entre a autonomia comportamental e as PAP, ou seja, o efeito que diferentes graus de PAP têm sobre a Capacidade de Realização da Autonomia (CRA).

Como medida de autonomia comportamental utilizou-se o *score* obtido através da soma dos *scores*

parciais das dimensões da autonomia comportamental. Nesta medida, quanto maior for o valor do *score*, maior será a capacidade do adolescente para realizar a autonomia comportamental.

Como medida das PAP utilizámos os *scores* de cada uma das quatro dimensões em estudo: a PAP de Autonomia (PAP.AUT), a PAP de Controlo (PAP.CONT), a PAP de Amor (PAP.AMOR) e a PAP de Hostilidade (PAP.HOST). Também aqui, quanto maior for o valor do *score* maior será a intensidade de percepção nessa dimensão.

Procedemos neste estudo a dois tipos de análise estatística:

1. A *Análise de Regressão Múltipla* (A.R.M.) no sentido de verificar a contribuição:

(1) do conjunto das variáveis PAP (PAP.AUT, PAP.CONT, PAP.AMOR e PAP.HOST), (2) da variável idade e (3) da variável sexo para a variabilidade da CRA.

2. A *Análise de Variância Multifactorial* (A.V.M.), tomando como variáveis a idade, o sexo e as PAP, no sentido de verificar o efeito que diferentes graus de intensidade de PAP têm sobre a CRA.

Dada a grande quantidade de análises e de resultados a que conduziram estes estudos e na impossibilidade, em termos de espaço, de os apresentar na totalidade aqui, restringiremos a sua apresentação aos considerados indispensáveis. Procederemos no final a uma discussão global dos resultados.

6.1. Resultados da análise de regressão múltipla

A primeira análise realizada consistiu em fazer regressar os *scores* de CRA nos *scores* de PAP em ordem a verificar qual ou quais das quatro dimensões trazem uma contribuição estatisticamente significativa para a variabilidade dos *scores* de CRA e com que percentagem contribuem para essa variabilidade.

Os resultados ($R^2 = .148$, $F = 42.8$ (4,989 g.l.), $P < .001$) indicaram-nos que os *scores* de PAP explicam só por si, 14.8% da variabilidade total da CRA, sendo os coeficientes de regressão para as PAP.AUT, PAP.AMOR e PAP.HOST significativamente diferentes de zero ($P < .001$).

Em seguida, nós incluímos a variável idade (como variável contínua) no sentido de verificar o efeito produzido por esta variável na quantidade de variabilidade explicada.

Os resultados da análise ($R^2 = .261$ $F = 69.615$, (5,987 g.l.), $P < .001$) mostram que ao juntarmos a variável idade o valor de R^2 sobe de .148 para .261 o que significa que o modelo incluindo agora a idade, explica já 26.1% da variabilidade total da CRA.

A variável idade explica só por si 11.3%, aparecendo portanto claramente como a variável crucial para explicar a variabilidade da CRA.

Finalmente, nós incluímos a variável sexo (que sendo uma variável categórica, entrou como «dummy variable») no sentido de verificar, tal como no passo anterior, o efeito desta variável no modelo preditor.

Os resultados ($R^2 = .296$ $F = 68.996$, (6,986 g.l.), $P < .001$) indicaram-nos que, ao juntarmos a variável sexo o valor de R^2 sobe de .261 obtido na análise anterior, para o valor de .296, significando que o modelo, incluindo agora o total das variáveis, explica 29.6% da variabilidade total da CRA, sendo 3% atribuível à variável sexo.

Na base destes resultados e confirmado o efeito da variável sexo, decidimos proceder a uma A.R.M. em cada um dos sexos, no sentido de testar o modelo preditivo das PAP e idade em cada um deles.

Os resultados encontrados são os seguintes:

QUADRO 1
Regressão da CRA na Idade e nas PAP,
no Sexo Masculino

Variáveis	Coeficiente de		
	Regressão Padronizado	t	P
Idade	.426	10.453	.000***
PAP.AUT	.246	6.170	.000***
PAP.AMOR	-.028	-.636	.524 N.S.
PAP.CONT	-.054	-1.317	.188 N.S.
PAP.HOST	-.058	-1.392	.164 N.S.
$R^2 = .339$			
$F = 51.197$, (5,499 g.l.), $P < .001$			

QUADRO 2

Regressão da CRA na Idade e nas PAP, no Sexo Feminino

Variáveis	Coefficiente de Regressão Padronizado	t	P
Idade	.345	7.877	.000***
PAP.AUT	.150	3.477	.000***
PAP.AMOR	.107	-2.136	.033*
PAP.CONT	-.088	-1.939	.0531 N.S.
PAP.HOST	-.092	-1.861	.0633 N.S.

R² = .226
F = 28.145, (5.482 g.l.), P < .001

A análise comparativa dos resultados permite-nos verificar que:

– As PAP produzem, tal como prevíamos, um efeito sobre a CRA no adolescente, explicando só por si 19.4% da variabilidade total da CRA nos rapazes e 12.6% nas raparigas.

– Tanto nos rapazes como nas raparigas, as variáveis com mais impacto no modelo preditor da CRA são a idade — a variável crucial — e a Percepção de Autonomia (PAP.AUT).

– Enquanto que nos rapazes essas são as variáveis que mais efeito produzem sobre a sua CRA nas raparigas são igualmente importantes, embora o seu efeito seja menor, as Percepções de Amor (PAP.AMOR) e de Controlo (PAP.CONT).

– Quanto à direcção do efeito produzido, verifica-se que a CRA é tanto maior (1) quanto mais elevada for a idade, (2) quanto mais elevada for a percepção adolescente de ter pais encorajadores de autonomia e (3) quanto menos elevada for a sua percepção de terem pais dando muito suporte afectivo ou então de terem pais hostis.

– Embora o modelo linear agora testado através da A.R.M. não satisfaça muito, uma vez que permite explicar apenas 29.6% da variabilidade total da CRA (elevando-se este valor para 33.9% nos rapazes) é de prever que um modelo não linear se ajuste melhor ao tipo de relação que a CRA tece com as variáveis estudadas.

6.2. Resultados da análise de variância multifactorial

Passemos agora à 2.^a Etapa, ou seja: ao estudo do efeito que têm diferentes graus de intensidade de percepção adolescente das atitudes dos pais,

sobre a sua capacidade de realizar a autonomia comportamental.

Por outras palavras, pretendemos com este estudo, responder à questão: em que medida a CRA no adolescente está dependente da intensidade das percepções adolescentes do afecto e do controlo exercido pelos pais.

No sentido de criar grupos com níveis ou graus de intensidade de percepção diferentes, procedemos ao cálculo dos quartis a partir da distribuição dos scores das PAP.

Criámos assim 4 níveis (correspondendo aos 4 quartis) dentro de cada PAP, que se graduam numa escala de 1 a 4, correspondendo o nível I ao nível de intensidade de percepção mais baixo e o nível IV ao nível de intensidade de percepção mais elevada.

Começámos por testar o efeito da variável idade. As análises realizadas nos três grupos etários definidos (Adolescência inicial = 12/13 anos, Adolescência média = 14/16 anos e Adolescência final = 17/19 anos) levou-nos a concluir que o factor idade introduz alterações significativas apenas no efeito entre a PAP.AMOR e a CRA, pelo que procedemos a análises separadas no estudo desta dimensão.

A Análise de Variância Multifactorial (A.V.M.) tendo como V.D. a CRA e como factores o sexo e as PAP, nos quatro níveis de intensidade de percepção considerados, conduziram aos resultados apresentados nos Quadros 3 a 6.

Realizámos também Testes de Homogeneidade de níveis, cujos resultados não apresentamos aqui.

A análise dos resultados conduziu, em síntese, às seguintes conclusões:

– A CRA varia de forma altamente significativa com o factor sexo, sendo a CRA mais elevada nos rapazes do que nas raparigas, em *todos* os grupos etários considerados;

– Tal como prevíamos nas nossas hipóteses de investigação, o grau de percepção de PAP nas quatro dimensões estudadas, tem um efeito diferenciado sobre a capacidade de realização de autonomia comportamental do adolescente (cf. Quadros 3 a 6);

– O efeito produzido é ainda diferente num sexo e no outro, é menor na adolescência média, e na Percepção de Amor a direcção do efeito varia em função da fase desenvolvimental em que o adolescente se encontra;

– As tendências de variação encontradas entre as PAP e a CRA são as seguintes:

- A CRA aumenta quando aumenta também a intensidade de percepção de pais encorajadores de autonomia, tanto na adolescência inicial como na adolescência média e final (cf. Quadro 3);
- A CRA diminui quando o adolescente tem uma percepção muito elevada de Pais exercendo controlo sobre o seu comportamento e isto é sobretudo evidente na adolescência média e final (cf. Quadro 4);

- A CRA diminui quando o adolescente tem uma percepção muito elevada de Pais dando muito amor, e este efeito é sobretudo verificável nas raparigas, e na adolescência inicial e média, mas este efeito tende a inverter-se quando se caminha para a adolescência final.

Com efeito, verifica-se que na adolescência final, quer nos rapazes quer nas raparigas, a CRA aumenta quando o adolescente tem uma percepção mais elevada de pais dando amor. Este mesmo efeito é já encontrado na adolescência média, nos rapazes (cf. Quadro 5).

QUADRO 3

Análise de Variância da CRA em função do Sexo e PAP. AUT

Fonte de Variação	Soma Quadrados	g.l.	Média Soma Quadrados	F	P
Sexo	156096.91	1	156096.91	30.908	.000***
Grupos PAP.AUT	563714.15	3	187904.72	37.207	.000***
Sexo x Grupos PAP.AUT	75165.24	3	25055.83	4.961	.002**
Resíduo	4974551.5	985	5050.3061		
Total	5754586.5	992			

QUADRO 4

Análise de Variância da CRA em função do Sexo e PAP. CONT

Fonte de Variação	Soma Quadrados	g.l.	Média Soma Quadrados	F	P
Sexo	148834.79	1	148834.79	26.574	.000***
Grupos PAP.CONT	79623.52	3	26541.17	4.739	.002**
Sexo x Grupos PAP.CONT	17000.57	3	5666.85	1.012	.386 N.S.
Resíduo	5516806.8	985	5600.81		
Total	5754586.5	992			

QUADRO 5

Análise de Variância da CRA em função do Sexo e PAP. AMOR

Fonte de Variação	Soma Quadrados	g.l.	Média Soma Quadrados	F	P
Sexo	146557.71	1	146557.71	26.158	.000***
Grupos PAP.AMOR	84190.43	3	28063.48	5.009	.001**
Sexo x Grupos PAP.AMOR	10516.85	3	3505.61	.626	.598 N.S.
Resíduo	5518723.7	985	5602.76		
Total	5754586.5	992			

QUADRO 6

Análise de Variância da CRA em função do Sexo e PAP. HOST

Fonte de Variação	Soma Quadrados	g.l.	Média Soma Quadrados	F	P
Sexo	174632.08	1	174632.08	31.519	.000***
Grupos PAP.HOST	150201.37	3	50067.12	9.037	.000***
Sexo x Grupos PAP.HOST	5843.07	3	1947.69	.352	.788 N.S.
Resíduo	5457386.5	985	5540.49		
Total	5754586.5	992			

- A CRA diminui quando o adolescente tem uma percepção muito elevada de ter pais hostis (cf. Quadro 6).

7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

Pudemos afirmar que dum modo geral as nossas hipóteses obtiveram confirmação, o que traz consistência empírica ao modelo teórico que as fundamenta.

Confirmou-se que existe uma relação significativa entre a Capacidade de Realização da Autonomia Comportamental (CRA) no adolescente, o sexo, a idade e as suas percepções das atitudes dos pais (PAP).

Confirmou-se o poder preditivo das Percepções das Atitudes Parentais (PAP), do sexo e da idade sobre a Capacidade de Realização da Autonomia Comportamental.

Confirmou-se ainda o efeito diferencial do sexo, no padrão de relação entre a CRA e as PAP, o efeito diferencial da idade na percepção de Amor e o efeito diferencial do nível de intensidade das PAP sobre a CRA.

O sentido da variação encontrado entre a CRA e as PAP de Autonomia, de Controlo e de Hostilidade confirmou também as nossas previsões.

Já na previsão relativa à Percepção de Amor a nossa hipótese apenas foi parcialmente confirmada. Tínhamos previsto a existência duma correlação positiva entre a CRA e a PAP.AMOR. Os nossos resultados dizem-nos que essa correlação é positiva mas apenas em determinadas fases desenvolvimentais: nos rapazes, a partir dos 14 anos e nas raparigas a partir dos 17 anos.

Os resultados agora obtidos alargam e aprofundam a evidência empírica prévia, já que trazem contribuição importante para a compreensão de aspectos específicos da autonomia, a autonomia comportamental, área em que, como vimos, a investigação é escassa. Aprofundam ainda, porque a literatura prévia não esclareceu, como vimos, e como realçou Martin, na importante revisão da literatura que produziu em 1975, o quanto, ou seja, qual a contribuição de cada uma destas variáveis para explicar a variabilidade da capacidade de realização da autonomia comportamental, em suma, qual o poder preditivo de cada uma destas variáveis.

Os nossos resultados trazem ainda conhecimento para a área, porque põem em evidência que o efeito das atitudes parentais sobre o desenvolvimento não é homogéneo, mas produz efeitos diferentes consoante o período desenvolvimental em que o adolescente se encontra, ou seja, consoante as tarefas desenvolvimentais que leva a cabo e os conflitos internos e externos com que lida.

Os resultados a que conduziu o nosso estudo indicam-nos que das variáveis estudadas: a idade, o sexo, as percepções de amor (PAP.AMOR), de hostilidade (PAP.HOST), de autonomia (PAP.AUT) e de controlo (PAP.CONT), a idade aparece como a variável crucial, (já que só por si contribui com 11.3% para a variabilidade total da CRA) o que, por um lado, fundamenta o carácter desenvolvimental da autonomia comportamental e por outro lado, justifica a sua inclusão como variável pertinente nos modelos explicativos.

O sexo aparece também no nosso estudo como uma variável importante já que contribui por si só com 3% para a variabilidade da CRA.

Os resultados sugerem-nos que cada um dos sexos, lida com questões maturativas e relacionais diferentes e encontra vicissitudes desenvolvimen-

tais específicas, no exercício da autonomia comportamental.

Os nossos resultados vêm em apoio dos autores que recentemente têm chamado a atenção para a importância de introduzir a variável sexo nos modelos explicativos, a qual tem, como dissemos, sido ignorada ou tratada apenas como variável parasita na investigação fundamental. Vêm ainda em apoio dos autores que têm defendido a tese de «linhas desenvolvimentais» diferentes num sexo e no outro opondo-se assim à ideia de uma Psicologia do Desenvolvimento comum aos dois sexos.

Os resultados indicam-nos que as PAP produzem efeito sobre o processo de autonomia adolescente, já que por si só explicam 19.3% da variabilidade da CRA nos rapazes e 12.4% nas raparigas.

Indicam-nos ainda que é a percepção de autonomia dada pelos pais, a que mais impacto tem sobre a autonomia comportamental conseguida, colocando esta dimensão do *parenting* como a dimensão fulcral para o desenvolvimento da autonomia comportamental.

Curioso contudo, é verificar que, de entre o conjunto dos preditores significativos, aparece imediatamente a seguir, e com igual peso, as percepções ligadas à dimensão do afecto: as percepções de amor e de hostilidade. Estes resultados demonstram a importância do vínculo afectivo para a compreensão da autonomia.

Os nossos resultados vão ao encontro dos resultados da investigação prévia, por nós revista, que puseram em evidência uma correlação positiva entre autonomia adolescente e atitudes parentais encorajadoras da autonomia e da separação e uma correlação negativa entre a autonomia adolescente e o exercício dum controlo autoritário por parte dos pais, evidência empírica bem estabelecida.

Interessante contudo é constatar que níveis moderados de controlo por parte dos pais, presupondo a existência de regras e de limites ao comportamento dos filhos, bem como uma percepção muito elevada de controlo na adolescência inicial — e aqui os nossos resultados trazem nova evidência à investigação prévia — não se traduzem numa menor CRA.

É que, se por um lado os nossos resultados apoiam a investigação prévia, eles acrescentam uma perspectiva desenvolvimental.

Com efeito, os nossos resultados sugerem que as condições que mais favorecem o desenvolvi-

mento da autonomia comportamental são as que se verificam numa atmosfera familiar de encorajamento contínuo da autonomia, do início ao final da adolescência e numa atmosfera de controlo parental baixo ou moderado, sobretudo na adolescência média e terminal.

É de admitir que, quanto mais os pais são percebidos pelos adolescentes como figuras promovendo a autonomia, mais funcionem como modelos identificatórios válidos, e sejam eles próprios adultos autónomos, valorizando e reconhecendo nos filhos a necessidade de se autonomizarem.

Pensamos que o encorajamento da autonomia, por parte dos pais proporciona e estimula os movimentos exploratórios, a experimentação, o confronto com situações de frustração ou de insucesso, estimulando também a gratificação e satisfação conseguida pela realização de tarefas sem ajuda parental, com o reforço consequente da auto-estima do adolescente.

Os nossos resultados sugerem ainda que as práticas educativas parentais mudam em função da idade do adolescente: o comportamento parental, além de pro-activo seria também reactivo ao comportamento dos filhos, estimulando por um lado o desenvolvimento e respondendo adaptativamente às mudanças ocorridas no adolescente, neste caso a sua progressiva capacidade de realizar comportamentos de autonomia. Estes aspectos sugerem a existência dum nível de reciprocidade cada vez mais sólido na relação entre pais e adolescentes e o abandono progressivo duma relação marcada pela autoridade unilateral.

Estas mudanças sugerem ainda progressivas aquisições sócio-cognitivas do adolescente, nomeadamente as ligadas à compreensão das relações interpessoais, ao desenvolvimento moral e ao desenvolvimento egóico no adolescente. Sugerem, por outro lado também, as transformações ocorridas no sistema familiar, nomeadamente nos mecanismos reguladores do poder e da autoridade entre gerações.

Verificámos que na adolescência inicial e em ambos os sexos, os adolescentes com uma percepção muito elevada de amor por parte dos pais são também os adolescentes apresentando menor capacidade de realizar comportamentos de autonomia. Porém, e a constatação desta diferença é muito interessante, os adolescentes mais velhos (os rapazes

a partir dos 14 anos e as raparigas, a partir dos 17 anos) com uma percepção muito elevada de amor são também aqueles que obtêm *scores* mais elevados na autonomia comportamental.

Até à data, alguns autores têm afirmado que a autonomia é maior se o suporte afectivo dado pelos pais for grande. Este padrão tem sido apresentado como válido para toda a adolescência, considerada esta, supomos, como um todo homogéneo, como um processo influenciado sempre no mesmo sentido pelas atitudes parentais, desde o início ao final da adolescência.

Os nossos resultados questionam esta assunção e apontam no sentido de que o efeito das atitudes parentais na dimensão do amor é diferente consoante a fase desenvolvimental adolescente.

Pensamos que um envolvimento afectivo por parte dos pais, sentido pelo adolescente como «muito intenso», pode, no início do processo adolescente, dificultar as tarefas desenvolvimentais da autonomia e «enredar» o adolescente em gratificações infantis excessivas.

Estes resultados sugerem-nos que no período inicial da adolescência (um período de grandes transformações biológicas e psicológicas), quando o adolescente se vê confrontado com a necessidade de afirmar uma identidade separada, uma implicação afectiva excessiva por parte do pais (ou sentida como tal) pode ser vivida como intrusiva, não permitindo o distanciamento dos progenitores (e mais particularmente da mãe, figura mais envolvida) face às experiências emocionais do filho e não criando condições favoráveis para a auto-observação e para a auto-experimentação do adolescente.

Este efeito seria particularmente sentido pela rapariga, o que vai ao encontro da evidência empírica prévia que tem afirmado que uma implicação afectiva excessiva por parte da mãe favorece a hipersocialização feminina, o conformismo e a dependência.

É provável que o adolescente médio e terminal se sinta menos ameaçado pela força dos laços afectivos aos pais, constituindo-se estes basicamente como fonte de auto-estima e reforço para o narcisismo adolescente e como uma base afectiva segura, a partir da qual o adolescente pode desenvolver movimentos exploratórios, mas onde pode também «regressar» sempre que disso sentir necessidade.

A relação encontrada entre a Capacidade de Realização de Autonomia Comportamental e a

intensidade de hostilidade parental percebida, e em todos os períodos etários estudados — os adolescentes que percebem os pais como muito hostis são também aqueles que apresentam menor capacidade de realizar a autonomia comportamental — dá consistência a este modelo explicativo.

Nesta perspectiva, e na interpretação que fazemos dos nossos resultados, ganham preponderância as posições teóricas de orientação psicanalítica, modelo que melhor permite compreender os resultados obtidos.

Com efeito, as teorias psicanalíticas têm afirmado a importância do investimento afectivo em figuras extrafamiliares, do abandono dos laços infantis aos pais, do ataque ao continente parental, da desidealização das figuras parentais.

A autonomização adolescente pressupõe, de acordo com Amaral Dias (1988), a capacidade de «atacar» o sistema familiar real e fantasmado (sendo os efeitos perceptíveis através das remodelações operadas nas instâncias intrapsíquicas e nas relações interpessoais ocorridas ao longo do processo adolescente).

Este «ataque» maturativo pode no entanto ser ressentido (a literatura confirma-o) como uma agressão, uma ameaça ao equilíbrio pessoal e familiar, podendo provocar nos pais atitudes ambivalentes de aceitação e rejeição.

Se os pais são sentidos como fortemente hostis, provocando no adolescente o sentimento de ser rejeitado, este não encontrará condições favoráveis para desencadear activamente o processo de afirmação da sua identidade, sob pena de maior rejeição.

Por outras palavras, o vínculo onde predomina uma percepção de hostilidade não constitui um vínculo seguro, qualidade que se revelou ser essencial para o desenvolvimento da autonomia desde a infância precoce (Ainsworth, 1985) e que, de acordo com os nossos resultados, continuará a ser uma qualidade essencial durante a adolescência.

A presença deste factor poderá contribuir para o estabelecimento de laços de maior dependência e conformismo aos pais, atitudes de rebelião ou ainda o «adoecer», quadros prováveis que a nossa investigação, só por si, não pode confirmar.

A interpretação que globalmente fazemos dos nossos resultados é a de que um grau moderado de ligação aos pais, reflectido através da percepção de

ter com os pais uma relação de aceitação da individualidade e de afecto positivo, fornece o contexto emocional seguro e os fundamentos psicológicos essenciais para o prosseguimento do processo de separação-indivuação durante a adolescência e portanto para o início dos comportamentos exploratórios (no sentido de Bowlby) e auto-orientados, constitutivos da autonomia comportamental.

Inversamente, um grau pobre de envolvimento afectivo, reflectido através da percepção no adolescente de ter pais hostis ou rejeitantes não criará os fundamentos psicológicos nem a base segura a partir da qual levar a cabo as tarefas da autonomia.

Como conclusão de síntese poderíamos dizer que se o processo de autonomia pressupõe o «ataque» à autoridade parental, ele não envolve uma ruptura ou o ataque ao vínculo emocional aos pais. Pelo contrário, para se separar é preciso que o adolescente se sinta ligado aos pais através de um vínculo seguro, o que comprova o rigor da conceptualização de Bowlby. Pensamos portanto que é de todo o interesse trazer para o campo da adolescência as teorias do vínculo, de raiz etológica e psicanalítica, teorias que, na nossa opinião, se encontram em grande sintonia conceptual.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL DIAS, C. (1988). *Para uma Psicanálise da Relação*. Porto, Ed. Afrontamento.
- BAUMRIND, D. (1968). «Authoritarian vs. authoritative parental control». *Adolescence*, 3, 255-272.
- BECKER, W. (1964). «Consequences of different kinds of parental discipline». in Hoffman and Hoffman (eds.), *Review of Child Development Research*, vol 1, New York.
- BOWLBY, J. (1973). *Attachment and Loss*. vol. II, London, The Hogarth Press.
- DOUVAN, E., ADELSON, J. (1966). *The Adolescent Experience*. New York, Wiley & Sons.
- DOUVAN, E., GOLD, M. (1966). «Modal Patterns in American Adolescence». *Review of Child Developmental Research*, 2, 469-528.
- ENRIGHT, R., LAPPSLEY, D., DRIVAS, A., FEHR, L. (1980). «Parental influences on the development of adolescent autonomy and identity». *Journal of Youth and Adolescence*, 9, 529-545.

- ELDER, G. H. (1963). «Parental power legitimation and its effects on the adolescent». *Sociometry*, 26, 30-65.
- FLEMING, M. (1988). «Autonomia Comportamental e Percepções das Atitudes Parentais». Dissertação de Doutoramento, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto.
- FLEMING, M. *Adolescência e Autonomia*. Ed. Afrontamento, Porto (no prelo).
- FLEMING, M. (1983). «A Separação Adolescente-Progenitores». *Análise Psicológica*, 4 (III), 521-542.
- DIMOCK, H. S. (1937). *Rediscovering the adolescence*. New York, Ass. Press.
- HILL, J. P. , HOLMBECK, G. N. (1986). «Attachment and autonomy during adolescence». *Annals of Child Development*, vol 3, 145-189.
- KANDEL, D. , LESSER, G. S. (1972). *Youth in two Worlds*. S. Francisco, Jossey-Bass.
- MARTIN, B. (1975). «Parent-child relations». *Review of Child Development Research*, vol. 4
- MEAD, M. (1970). *O Conflito de Gerações*. Lisboa, Publ. D. Quixote.
- MURPHEY, E. B. , SILBER, E. , COELHO, G. V., HAMBURG, D. A., GREENBERG, I. (1963). «Development of autonomy and parent-child interaction in late adolescence». *Am. J. Orthopsychiat.*, 33, 643-652.
- SABATELLI, R. M., MAZOR, A. (1985). «Differentiation, individuation and Identity formation: the interaction of family system and individual perspectives». *Adolescence*, vol XX, 79, 619-633.
- SCHAEFER, E. S. (1965). «Children's reports of parental behavior: an inventory». *Child Development*, 36, 413-424.
- SHERMAN, A. W. (1946). «Emancipation status of college students». *The Journal of Genetic Psychology*, 68, 171-180.
- SPRINTHALL, N. A. , COLLINS, W. A. (1984). *Adolescent Psychology. A developmental view*. Addison-Wesley.
- STEINBERG L. (1987). «Recent research on the family at adolescence: the extent and nature of sex differences». *Journal of Youth and Adolescence*, vol 16, 3.
- STEINBERG L., SILVERBERG S. (1986). «The vicissitudes of autonomy in early adolescence». *Child Development*, 57, 841-851.
- STREIT, F. (1978). *Technical Manual. Youth Perception Inventory*. Fred Streit Ass.

RESUMO

O trabalho insere-se no contexto da investigação sobre o desenvolvimento psicológico do adolescente e o seu objectivo foi estudar a relação que se previu existir entre a autonomia comportamental do adolescente e a percepção que ele tem da relação com os seus pais nas seguintes dimensões: autonomia, controlo, amor e hostilidade. O estudo visa ainda avaliar o efeito diferencial da idade e do sexo e avaliar a contribuição relativa de cada uma das variáveis para a variabilidade da capacidade de autonomia comportamental.

Seguiu-se a estratégia transversal, o método de recolha foi o do Questionário anónimo e os instrumentos de medida utilizados foram o Questionário de Autonomia Comportamental, construído e validado pela autora e o Youth Perception Inventory de Streit.

Das conclusões, extrai-se a seguinte: a capacidade de o adolescente se autonomizar está na dependência não só da sua percepção de ter pais que encorajam a sua autonomia mas também da qualidade emocional do vínculo que os liga: se a emoção básica for o Amor, o adolescente progride na sua capacidade de se autonomizar, se a emoção básica for a Hostilidade o adolescente não encontra a base segura, no sentido de Bowlby, a partir do qual levar a cabo o processo de separação e pode fracassar na tarefa desenvolvimental da autonomia.

Globalmente, as conclusões trazem grande suporte empírico às teorias psicanalíticas sobre a adolescência e mais especificamente as teorias da vinculação de Bowlby.

RÉSUMÉ

La recherche s'insère dans le champ de la psychologie du développement de l'adolescent et étudie, dans un grand échantillon (N = 994), plusieurs questions liées au processus d'autonomie de l'adolescent et aux perceptions de la relation parents-adolescent. L'auteur conclue pour l'existence d'une corrélation positive entre l'acquisition de l'autonomie et certains aspects du parenting, notamment la perception d'amour et d'encouragement de l'autonomie et une corrélation négative liée aux perceptions d'hostilité. L'auteur discute l'importance de la théorie de l'attachement de Bowlby dans les recherches sur l'adolescence.